

**A DENÚNCIA SOCIAL ESCRAVOCRATA EM
“NAVIO NEGREIRO”, DE CASTRO ALVES**

Cynthia Teresinha Fabre Esposte (UNIFSJ)
cinthiafabre123@gmail.com

Elias Cloy França Ferreira da Silva (UNIFSJ)
eliascloy2011@gmail.com

Vitória Maria de Brito Venancio (UNIFSJ)
vitória_maria11@hotmail.com

Anízio Antônio Pirozi (UENF)
aapirozzi@bol.com.br

Clodoaldo Sanches Fófano (UENF)
clodoaldosanches@yahoo.com.br

RESUMO

Pretende-se com este estudo propor uma reflexão sobre o período da escravidão no Brasil, por meio da análise de *Navio Negroiro*, de Castro Alves, em especial o Canto IV. Portanto, é importante que se conheça a realidade enfrentada pelos negros dentro dos navios negreiros e a estadia deles em terras brasileiras a partir do século XVII. Na construção deste artigo, realizou-se pesquisa bibliográfica de base qualitativa, considerando as contribuições de fontes teóricas que embasam a busca de respostas sobre o tema abordado. No poema, os versos evidenciam as terríveis condições de viagem e fazem uma crítica direta ao governo brasileiro por ainda permitir a entrada de escravos no país, apesar da promulgação da Lei Eusébio de Queirós. O poeta dos escravos expõe com nitidez e eloquência detalhes dos horrores e castigos sofridos dentro dos navios, de forma que o leitor seja conduzido a imaginar cada parte desse ambiente, como se fosse transportado para outra realidade. Com isso, Castro Alves provoca uma reflexão sobre a miséria humana, para que se tenha piedade daqueles indivíduos impotentes, submetidos à extrema humilhação.

Palavras-chave:

Escravidão. Navio negreiro. Castro alves.

1. Introdução

“Homens, o tempo é chegado para a vossa ressurreição; assim para ressuscitares do abismo da escravidão, para levatares a Sagrada Bandeira da Liberdade. A liberdade consiste no estado feliz, o estado livre do abatimento: a liberdade é a doçura da vida, o descanso do homem com igual paralelo de uns para os outros; a Liberdade é o repouso, é a bem-aventurança do mundo. [...] A liberdade é agradável para todos; é tempo, povo; o tempo há chegado.” (Papéis Seduciosos da Conspiração dos Alfiates: Bahia, 1798.)

Entende-se a escravidão como um sistema que há a submissão completa de um ser humano por outro. Havendo a sujeição da força de trabalho desses indivíduos tendo como principal finalidade obter vantagens econômicas. Convém ressaltar que dada sua condição, o escravo perde toda a individualidade, liberdade, tornando-se propriedade sem direitos legais. A vivência dele passa a ser submetida à realização de interesses e vontades de seus senhores.

Os escravos que chegaram ao Brasil eram capturados em suas tribos na África. A viagem era feita em navios, nesse percurso sofriam todos os tipos de abusos, sejam eles físicos ou psicológicos. Diante de tal fato, muitos acabavam não resistindo a tal situação, morrendo durante a travessia. Apesar disso, essa parte da história brasileira foi marcada pelo surgimento de lutas sociais, dentre elas os abolicionistas que batalhavam por uma nova ordem social no Brasil e, que gritava por dar voz a essa população sofrida.

Entender essa parte da história, analisar a importância de cada integrante desse cenário e a riqueza de detalhes encontradas nas estrofes do poema de Castro Alves, leva-nos a reflexão acerca do período escravocrata brasileiro. Esse artigo tem como objetivo geral refletir sobre o período da escravidão no Brasil, por meio da análise de “Navio Negreiro”, de Castro Alves, em especial o Canto IV. Já como objetivos específicos foi necessário: 1) Expor uma breve biografia de Castro Alves, o autor do texto que servirá como *corpus* de análise deste trabalho 2) Apresentar um panorama histórico da escravidão no Brasil. 3) Exibir o contexto histórico da escravidão. 4) Avaliar criticamente o canto IV de “Navio Negreiro”, destacando o caráter de denúncia social do texto poético.

A metodologia adotada neste estudo é a pesquisa bibliográfica de base qualitativa e aplicada. Nesse sentido, fez necessária leitura e pesquisa de todo um referencial teórico histórico e literário que serviu de base para levantar respostas para a seguinte questão-problema: De que maneira o poema “Navio Negreiro”, por meio dos seus versos, critica as mazelas sofridas pelos escravos na travessia marítima para o Brasil?

Pesquisas dessa natureza são relevantes pela abordagem temática, que possibilita combater toda a carga preconceituosa em que o povo brasileiro se encontra imerso. Assim, é de fundamental importância avaliar, por meio do texto poético, o sofrimento na trajetória dessas pessoas tão importantes para a configuração da nação brasileira, a fim de que a liberdade possa ecoar nos meandros dos preconceituosos desta nação.

1. Aspectos gerais sobre a vida de castro alves

Antônio Frederico de Castro Alves nasceu em 14 de março de 1847 na cidade de Curalinho, no interior da Bahia. No período em que viveu, no século XIX, especificamente nos anos de 1847 a 1871, ainda existia a escravidão no Brasil. Segundo seus biógrafos, Castro Alves levava um estilo de vida acima do padrão da maioria dos brasileiros naquela época. Ingressou na universidade, iniciando o curso de Direito, logo depois que se mudou para Recife. (BOSI, 2006, p. 120).

Apesar dessa relativa estabilidade financeira Castro Alves era extremamente engajado com as causas sociais de seu tempo, foi capaz de compreender as dificuldades enfrentadas pelos negros aqui escravizados. Dessa forma é conhecido como o “Poeta dos Escravos”. Assim, manifestou em suas poesias toda a indignação com as questões sociais de seu tempo.

Era filho de Antônio José Alves e de Clélia Brasília da Silva Castro. Seus pais eram atuantes na vida acadêmica. José Alves era médico e professor da Faculdade de Medicina. Desde cedo aquele jovem demonstrava toda a paixão pela poesia. Aos 21 anos de idade, mostrou toda sua coragem ao recitar, durante uma comemoração cívica, o “Navio Negroiro” em 7 de setembro de 1868. A elite, latifundiária e escravista ouviu com repúdio as palavras de Castro Alves, até porque, vale ressaltar que nesse período o Brasil era ainda controlado pelos latifundiários escravistas, dada a influência desse grupo na tomada de decisões políticas do imperador. (CANDIDO, 1999, p. 48).

Muito conhecido por seus versos recheados de críticas sociais, o autor escreve ainda versos lírico-amorosos. Diante disso, os críticos literários o classificam como um poeta de transição entre o Romantismo e o Parnasianismo.⁷ Esse notável escritor morreu ainda jovem, antes mesmo de terminar o curso de Direito que havia iniciado, vitimado pela tuberculose que já vinha sofrendo desde a juventude. Antônio Frederico de Castro Alves morreu em Salvador, Bahia, no dia 6 de julho de 1871.

⁷ Parnasianismo foi um movimento literário surgido na França, em meados do século XIX. No Brasil, o parnasianismo chegou na segunda metade do século XIX e teve força até o movimento da Semana de Arte Moderna de 1922. O poeta parnasiano busca a perfeição formal, propõe a volta aos valores clássicos.

Destacam-se as poesias de Castro Alves “A Canção do Africano”, “A Cachoeira de Paulo Afonso”, “A Cruz da Estrada”, “Adormecida”, “Amar e Ser Amado”, “Amemos! Dama Negra”, “As Duas Flores”, “Espumas Flutuantes”, “Hinos do Equador”, “Minhas Saudades”, “O “Adeus” de Teresa”, “O Coração”, “O Laço de Fita”, “O Navio Negroiro”, “Ode ao Dois de julho”, “Os Anjos da Meia Noite” e “Vozes d’África”.

Nas obras do referido poeta condoreiro, é possível perceber toda sua indignação com diversos problemas sociais, de maneira especial, com a crueldade da escravidão no Brasil. Castro Alves é lembrado na literatura brasileira por produzir no Romantismo uma obra de cunho social, engajada. (BOSI, 2006, p. 120). Por fim, destaca-se o fato de o autor ser Patrono da cadeira número 7 da Academia Brasileira de Letras.

2. Contexto histórico da escravidão no Brasil

Ao se falar em escravidão é importante ressaltar que não é algo novo na história humana, ocorrendo desde a antiguidade. Tal prática vem desde os primórdios de nossa história, quando os povos vencidos em batalhas eram escravizados por seus conquistadores. No entanto, a relação entre os escravos e seus senhores foi se modificando com o passar do tempo. No Brasil a escravidão chega com a vinda dos portugueses à estas terras, tendo início com a produção de açúcar na primeira metade do século XVI. Até porque, nas sociedades indígenas essa relação não ocorria. (CHALHOUB, 2012).

Desde o começo da escravidão a coroa portuguesa se valeu de inúmeras justificativas, sejam elas políticas ou religiosas. Nesse período, a sociedade brasileira tinha por objetivo maior produzir para abastecer o mercado mundial e para isso necessitava de intensa mão de obra. Assim, a mão de obra do escravo negro foi usada de maneira ampla nos engenhos de cana de açúcar e mais tarde na extração aurífera. Seja nos engenhos, ou nas minas de ouro, os negros eram tratados de forma extremamente desumana, sendo constantemente castigados.

Conforme Mamigonian, chegam ao Brasil entre os anos de 1831 e 1835 um total de 26.095 escravos vindos do continente Africano. Somente para comparação, no período anterior (1826-1830), esse total de cativos importados foi de 292.684, e no posterior (1836-1840), 201.140 (MAMIGONIAN, 2009, p. 223). É válido ressaltar que o negro que a aqui chega-

vam, já vinha na condição de escravo, pois já havia sido capturado e escravizado antes mesmo de sair da costa africana. Tudo isso contribuiu para a desorganização política da sociedade africana, trazendo além de uma série de problemas econômicos, os problemas de base cultural.

Tais números são confirmados pelos estudos de Herbert Klein e Francisco Luna, que demonstram que o tráfico de escravos cresceu de forma progressiva no período das primeiras décadas do século XIX, com a quantidade de escravos chegando ao Brasil passando de 34.115 na década de 1810 para 52.430 no decênio 1821-1830. Desse modo, ocorreu uma queda entre 1831 e 1840 para 33.818, com um resgate na década seguinte (40.002 escravos importados) (KLEIN; LUNA, 2010, p. 94).

Dentre os grupos de negros vindos para o Brasil, muitos deles pertenciam a clãs distintos e até mesmo rivais. Na vinda para a América, não houve a distinção das tribos pelos traficantes negreiros, causando ainda mais dificuldade de organização e adaptação dos mesmos. Isso fica claro na passagem de *A Escravidão no Brasil*, de Jayme Pinsky:

A multiplicidade de etnias e clãs era decorrente não apenas do processo de apresamento do negro que, como vimos, variava com o tempo; decorria também do interesse que os senhores tinham em ter escravos de diferentes origens; isso, ao seu ver, representaria diversificação de hábitos, língua e religião, dificultando a integração da população escrava e o surgimento de qualquer espécie de organização conduzida por eles. (PINSKY, 1998, p. 24-25)

Mais uma passagem da obra de Jayme Pinsky demonstra o dia a dia do escravo ao chegar em terras sul-americanas:

Dentro de sua contraditória condição de humano e de “coisa” – ter vontade própria e não poder executá-la, tendo de executar, por outro lado vontades que não são suas, mas do senhor – o escravo tinha um cotidiano desenvolvido em função das tarefas que lhe eram atribuídas. Claro que dentro de uma caracterização geral semelhante, há uma especificidade diferente no dia-a-dia do escravo na agroindústria canavieira ou na agricultura cafeeira, na atividade aurífera ou doméstica. (PINSKY, 1998, p. 35)

Convém salientar que nos mais diversos tipos de trabalhos que os escravos realizavam eram sempre extremamente explorados, maltratados, humilhados e na maior parte do tempo lhes faziam esquecer sua condição humana. No entanto, antes disso eram submetidos a um desgastante trajeto de sua terra natal até as terras brasileiras. Nessa viagem para o Brasil os negros eram desenraizados, forçados a abandonar sua cultura.

No entanto, é importante destacar os movimentos de resistência dos

escravos contra esse sistema escravista. É possível afirmar que tais movimentos eram estimulados pelos recorrentes abusos ocorridos no período em questão. Concretizaram-se em grandes e pequenos movimentos, visando em sua maioria a abolição geral. Logo, a maneira mais recorrente eram as fugas das fazendas em que se encontravam. A mais conhecida e organizada forma de resistência certamente foram os quilombos, sendo o mais famoso o Quilombo de Palmares (FREITAS, 1984).

Os escravos sobreviviam a uma rotina de trabalho extremamente longa e desumana. Além disso, eram frequentemente punidos fisicamente, sendo castigos com açoites e até mesmo castrações e por isso viviam muito pouco. Havia ainda, outras formas de resistência como a capoeira, as cantigas africanas, que posteriormente vão compor também, parte da cultura brasileira. Entretanto, como já foi dito, a maior e mais conhecida forma de resistência foi a criação de quilombos.

Mas, ainda hoje muitos negros permanecem marginalizados, sofrem com o racismo, discriminação e não encontram condições igualitárias de educação e desenvolvimento profissional. Fernandes (1978) destaca a impossibilidade de apelar para a consciência brasileira, acredita-se que a consciência humana não poderá mais permanecer inerte, endossando a revoltante opressão e liquidação coletiva dos afro-brasileiros que se está documentando.

3. “Navio negreiro”: análise do canto IV da obra poética

O poema, “Navio Negreiro” está dividido em seis partes, nas quais o autor denomina de Cantos. Em cada Canto, Castro Alves descreve um aspecto da viagem dos escravos até o Brasil com uma linguagem hiperbólica, carregada de antíteses, apóstrofes e rimas alternadas. Em relação à temática, é possível perceber que além de contar a realidade vivida dentro dos navios, o eu lírico descreve elementos naturais que os cercavam, com uma linguagem declamativa e exclamativa para expressar indignação e grandiloquência. Dessa forma tem-se o Canto IV do poema seguido de uma análise.

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que mártírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!

E ri-se Satanás!... (ALVES, 2011, p. 147-148)

Diante da leitura compreende-se o caráter social da poesia de Castro Alves, expressando a realidade desse grupo marginalizado. O principal objetivo do poema é denunciar o tráfico negreiro, apresentando a condição miserável e desumana dos escravos em sua travessia da África para o Brasil. Na concepção de Cândido:

O último poeta romântico de importância foi Castro Alves (1847-1871), que superou a plangência dos ultra-românticos, tanto pela sensualidade exuberante e a força plástica, quanto pelo corte humanitário da sua poesia social. Muito influenciado por Victor Hugo, foi como ele capaz de percorrer uma gama extensa, das tonalidades épicas ao lirismo mental. Mais de um crítico

viu que havia nele um orador em verso, cuja eloquência arrebatava os auditórios e desempenhou papel importante, mesmo depois de sua morte, na campanha pela abolição da escravidão negra, que a partir de 1870 conquistou aos poucos a opinião pública do país. (CANDIDO, 1998, p. 48)

Na primeira estrofe do poema o eu poemático passa a descrever com detalhes os horrores e castigos sofridos dentro dos navios. O autor detalha de tal maneira que leva o leitor a imaginar cada parte do navio, de forma que ele seja transportado para outra realidade, a descrição do Castro Alves é nítida, criando na mente de quem lê, imagens literárias fortes, pela magia da linguagem.

Para merecer o nome de imagem literária, é necessário um mérito de originalidade. Uma imagem literária é um sentido em estado nascente, a palavra [mot] – velha palavra – recebe aí uma significação nova. Acrescente-se o onirismo novo, e ter-se á a dupla função: “significar algo diferente e fazer sonhar de outro modo”. O caráter evocador, dinâmico, mágico da linguagem é ressaltado pela invenção de uma imagem bela e forte [...]. (FELICIO, 1994, p. 70)

Ao falar das mulheres, na segunda estrofe, o eu poético apresenta uma descrição apenas exterior, remetendo-se a perca da interioridade humana naquele ambiente, sendo tratadas como mais um componente do reino animal, que não pensa, não tem vontades, não possui forças, nem para exercer a função maternal de amamentação. O eu lírico quer que se reflita a miséria humana, que se tenha piedade daqueles indivíduos impotentes, submetidos a uma situação horrenda. De acordo com Massaud Moisés,

[...] ao mesmo tempo ser humano e alegoria, o escravo era ele próprio em face do sistema social injusto e ainda *alter ego* do poeta: ao dizer o drama do ser humano escravizado, Castro Alves dizia o seu, como se a personagem encarnasse as duas faces da metáfora, a literal (escravo) e a figurada (o poeta). (MASSAUD, 1984, p. 231)

Vale ressaltar também que são destacadas no poema como um todo duas cores, o vermelho e o preto. A primeira faz referência ao sangue derramado quando eram açoitados, maltratados, acorrentados, dentre tantas outras situações. Percebe-se ainda a forte presença do preto, referindo-se a pele negra dos indivíduos ali presentes.

Em vez de focalizar a escravidão em termos gerais, ideológicos, como tanta má poesia abolicionista antes e depois dele, preferiu mais das vezes pintar o escravo em uma circunstância particular, dramaticamente significativa. Pintou-o no tombadilho de “O Navio Negroiro” a dançar grotescamente sob o estalo dos chicotes. (PAES, 1995, p.71)

A imagem que o poema traz nas estrofes quatro e cinco é de dor e sofrimento, apontando como os comandantes do navio flagelam aqueles seres humanos por pura diversão. O poema estabelece um contraste entre o divino e o diabólico, como se a natureza fosse uma obra divina devido a sua beleza e passividade, enquanto a escravidão seria algo demoníaco por causa da sua crueldade e amargura.

Sendo assim, o poema faz referência a uma parte de “A Divina Comédia”⁸, de Dante, quando o eu lírico apresenta o navio como algo diabólico, remetendo-se às cenas descritas por Dante em “Inferno”, parte da obra. O eu poético finaliza mostrando ao leitor o prazer que os traficantes tinham em ver e fazer acontecer todo aquele sofrimento.

De tal modo, percebe-se que, para Castro Alves a escravidão era inadmissível em um mundo com seres humanos que tendem a melhorar as condições de vida para si e, conseqüentemente para seu próximo. Isso porque a literatura deve ser vista, como assegura Cândido em seu texto “*O direito à Literatura*” (2002, p. 175), “[...] fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade”. Por intermédio desse fragmento é possível perceber que a literatura é algo essencial ao ser humano”.

Fica claro, portanto, que a obra literária funciona como meio de denúncia social por descrever o que ocorria com os escravos dentro dos navios negreiros, como forma de propor uma reflexão, ou mesmo fazer conhecer esse período tão marcante e duradouro da história do Brasil.

4. Considerações finais

O poeta dos escravos expõe com nitidez e eloquência detalhes dos horrores e castigos sofridos dentro dos navios, de forma que o leitor seja conduzido a imaginar cada parte desse ambiente, como se fosse transportado para outra realidade. Esse pico de linguagem simboliza os ideais libertários que o poeta defendia. Com isso, Castro Alves provoca uma reflexão

⁸ “A Divina Comédia” é uma obra de Dante de Alighieri, dividida em três partes: Inferno, Purgatório e Paraíso. Dante foi um grande erudito, sendo considerado um dos maiores escritores italianos e sua obra mais importante é “A Divina Comédia”, obra essa que influenciou inúmeros pensadores, artistas e escritores, dentre eles, Castro Alves.

sobre a miséria humana, para que se tenha piedade daqueles indivíduos impotentes, submetidos à extrema humilhação.

Dessa forma, essa leitura torna-se necessária, principalmente, por remeter na literatura a terrível realidade que os escravos sofreram até chegar em nossas terras. Diante de todo preconceito e incerteza sobre os acontecimentos desse período de nossa história, é necessário que se faça conhecer essa realidade, de maneira a propor uma conscientização, uma reflexão, uma denúncia sobre as atrocidades que ocorriam dentro dos navios, de maneira que essa classe de pessoas seja mais valorizada, uma vez que apresenta um número significativo de representantes no Brasil.

De acordo com o Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2011), de um total de 190 milhões de brasileiros, 91 milhões se classificaram como brancos (47,7%), 15 milhões como pretos (7,6%) e 82 milhões como pardos (43,1%). De tal modo, adicionando-se a população autodeclarada como preta com a parda, já que essa deriva da miscigenação do branco com negro, tem-se uma população que concebe 50,7% do total, ou seja, hoje em dia a população brasileira é formada, em sua maioria, por negros e seus descendentes.

Levando em consideração tais fatores, fica claro, portanto, a importância da leitura e reflexões dos escritos de Castro Alves, a fim de conscientizar os cidadãos brasileiros, de forma que eles não permaneçam inertes, endossando a revolta opressora e a liquidação coletiva dos afro-brasileiros que se está documentando. Portanto, muito além de analisar o Canto IV do poema “Navio Negreiro”, de Castro Alves, precisa-se dialogar com o cenário atual da nação brasileira que ainda permite através do preconceito que os sons ecoados na travessia marítima continuem sendo perpetuados, tentando retirar a liberdade dos negros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FACIOLI, Valentim; OLIVEIRA, A. Carlos (Orgs). “Poesias brasileiras: Romantismo”. In: Castro Alves. 12. ed. São Paulo: Ática, 2011. p. 131-44

Biografia de Castro Alves. Rio de Janeiro-RJ. Academia Brasileira. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/castro-alves/biografia>. Acesso em: 27/06/2018.

Candido, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*: resumo para principii-

antes. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

_____. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas cidades, 2002.

CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FELICIO, Vera Lucia G. *A imaginação simbólica nos quatro elementos bachelardianos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994.

FERNANDES, Florestan. *O genocídio do negro brasileiro*. Processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978.

FREITAS, Décio. *A guerra dos Palmares*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1984.

IBGE. Censo Demográfico 2010: características da população e dos domicílios, resultados do universo. IBGE: Rio de Janeiro, 2011. Arquivo PDF. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf. Acesso em: 27/10/2018.

KLEIN, Herbert S.; LUNA, Francisco Vidal. *Escravidão no Brasil*. São Paulo: EDUSP. 2010.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. “A proibição do tráfico atlântico e a manutenção da escravidão”. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Orgs). *O Brasil Imperial – Vol. I – 1808-1831*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2009. p. 207-233

“Papéis Sediciosos da Revolução dos Alfaiates”. In: Dias Tavares, Luís Henrique – *História da Sedição tentada na Bahia em 1798 (“a Conspiração dos Alfaiates”)*. Pioneira/MEC, São Paulo/Brasília, 1975.

PAES, Jose Paulo. *O Condor Pragmático*. In: *Transleituras: ensaios de interpretação literária*. São Paulo: 1995.

PINSKY, Jaime. *A escravidão no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2010.

SAILLANT, Francine. *O Navio Negroiro*. Refiguração Identitária e escravidão no Brasil. Extraído de <http://www.scielo.br/pdf/tem/v15n29/05.pdf> acesso em 24/08/2018.